



'Eles querem esquecer que a imaginação é um cavalo vivo e pronto que ameaça numa manhã qualquer irromper pela baça superfície doente dos países vncidos.'

Castão Cruz

Poucos foram os que quiseram uma revolução em Portugal. Muito bem. Quem não tem dinheiro não tem vícios e raramente virtudes grandes, que ainda saem mais caro. Quantos de nós apenas aceitámos a angústia de uma mudança radical por vergonha e emulação; vergonha do privilégio e emulação de outros, que, igualmente temendo perder liberdade e bens, diziam porém faça-se, na esperança de mudar - tudo - até o conceito de liberdade e bens.

O que lá vai não foi, mas só o susto que pregámos então ao dito 'concerto das nações' dá agora algum refrigério à crescente vergonha de sermos na Europa uma democracia, sim, mas é terceira, cada vez mais ignara, corrupta, ingovernável, paupérrima. E feia, como Lisboa com o seu património de ruínas e dislates urbanísticos.

Uma revolução quase exemplar, lhe chamou Eduardo Lourenço e quem com ele da Europa se espantou de não ver sangue, não foi. Mas é preciso ter na memória, a que fundamenta as nossas escolhas, o respeito e as energias libertados por essa fugaz exemplaridade.

E passo desta curta evocação a proferir porque me parece que o país dito real, e que é afinal bastante imaginário, exausto de impotência e desbragamento de governos, terá de votar em Maria de Lourdes Pintasilgo.

Claro que escolher um Presidente da República não é escolher um governo. Nem governos a vir. É escolher quem nos representa, escolher um estilo, uma maneira de estar no mundo. É s-



colher o Primeiro Cidadão de que nós todos somos os outros. Escolher uma intenção que nos cumpra.

Porquê Ela ?

Porque dos que estão à vista é a única que pode trazer mudança sem demasiado conflito político, social ou, pasmem, militar.

Comecemos por aí, pela candidatura dos (alguns) militares - Maria de Lourdes Pintasilgo, como Chefe do Estado, portanto das Forças Armadas, não daria garantias da unidade e estabilidade destas. Pasmem eu, ouvindo a atoarda, do que só poderia ser falácia ou arteirice. Sempre lhes foi lealíssima e a sua gama de simpatias e afectos vai de Otelo Saraiva de Carvalho ao General Spínola, pousando-se preferencialmente, amistosíssimamente, em Eanes e em Melo Antunes. Vi-a governar de perto e a dita 'componente militar' sabe como era consultada, ouvida e estimada por ela. Magoadá embora, ainda assim tende a ser. Que mais queriam ? Que mais poderiam esperar como elemento aglutinador que o seu isento desgosto de qualquer ~~quesília~~ ^{quesília} entre eles ? Não será que ocultamente temem o que esperam ser apenas a interrupção do presidencialismo de galões e, mal por mal, que venha ao menos um homem ? É um homem que traz consigo toda a carga política de um contra-poder que não se impôs ?

Estranha escolha. Como se Joana d'Arc tivesse vindo com vozes de povo e tudo e os exércitos insistissem miopemente no rei pusilânime. E estranha escolta, para tantos heróis da Alameda e do 25 de Novembro.

Vejamos o risco de conflito político e social. Maria de Lourdes Pintasilgo é utópica, dizem (como se a palavra fosse um insulto, como se em política não se devesse sonhar). Pensa que a política se faz nas aldeias, nos postos de trabalho, na casa de cada um. Com idéias e não só com empréstimos. Que as mulheres podem mudar o mundo. E interessa-se mais pela nossa situação no planeta do que pela nossa entrada na CEE. E é bem capaz de se pôr a falar de energia nuclear a quem traz um molhe de roupa molhada à cabeça. Ou da simbologia matricial da árvore ao bombeiro que chora porque não sabe nada das imposições do FMI sobre a nossa (de)florestação.

Utópica ? Porque face ao desespero apresenta a face galhar



da da curiosidade científica e da confiança na inteligência e senso poético do outro? Precisamos tanto, como povo, como indivíduos, de uma comparação que não ofenda nem banalize.

Quanto à SEM, porquê entusiasmar-se? Todos sabemos que vamos ser lá, cá, a Gata-Borracheira que vai ao baile sem madrinha, em farrapos.

Há depois a questão das más companhias. E das más memórias. Os outros candidatos mores têm demasiado disso nas suas clientelas. Não é verdade que o Dr. Freitas do Amaral está rodeado de gente riquíssima que nem sempre é honesta e o Dr. Mário Soares de gente que nem sempre é honesta e ainda não é riquíssima?

São simplificações. Mas escolher é sempre pensar simplificar as coisas.

Porquê não, pois?

Então não se compreende que vem do fundo dos tempos este nosso instinto de aclamar o maior bem possível, embora parco de meios (é a mais 'pobre' das candidaturas), presente nas sondagens?

Demasiado confiante será, mas é bondosa.

Fundação Cuidar o Futuro

Mistura idealismo com um realismo de facto de trazer por casa, tão portuguesamente.

Não é um chefe de Estado na tenebrosa solidão das decisões que nos ensinou o Prof. Salazar (ou na das indecisões dos que lhe seguiram), antes acredita na gestão colegial, no diálogo directo com as populações, as unidades de trabalho, as escolas, os técnicos. É popular, e isso, que nem sempre é um bem, no caso dela, parece-me. Porque não excita a perigosa identificação com o pai-tirano, mas sim a identificação com a entidade maternal que trabalha, estuda e ouve, tão nova e tão pacificante e tão estimulante para o português de rua - por isso é popular.

Frágil será, e mulher. E isto conta, porque a vida poderia mudar em cada casa se ela estiver no poder, como estará, a fazer pensar sentindo, que é o que ela sabe fazer melhor.

E é também, e isto conta tanto num país de emigrantes que maltratam o azulejo mas insistem nele nas suas casas estilo 'Maidon', e na educação dos filhos, à procura de alguma memória e exibição de beleza e de valores, canhestra que o seja, é

também a mais (bem) educada e a mais elegante. Com os bonitos olhos escuros, tão portugueses, e o bom gosto certo, tão contrário do luxo, no vestuário, na casa, tão moralizador como modelo numa austeridade sem excesso e sem culpa, prazenteira, sensuada (Ah, bem sei que não tem marido, mas é um marido a garantia do gosto de viver ?) e sensível. Estas coisas contam.

Sendo mulher, não usou nunca da intriga, da calúnia ou da divisão para reinar, na sua vida política. Carecemos dessas astúcias de fraco num Presidente da República ? Nunca brutalizou nada, preferiu tentar fazer inflectir - essa é a sua história, que alguns lhe censuram, mas que deveria tranquilizar outros.

É também a mais genuinamente próxima das coisas da educação e da cultura. Dizer que falaria de igual para igual ao representar-nos perante certos dirigentes internacionais seria ofende-la.

E das mulheres. Porque não assumir enfim a nostalgia matriarcal do machismo português ? Se não gosta do aborto (e toquemos enfim em questão de tão alto melindre) quem de seu juízo gosta ? A despenalização do mesmo é outra coisa e sobre isso ela não teve, nem terá, que decidir.

Mas qualquer mulher inteligente sabe que não a apoiar, neste momento específico, é uma contradição e uma infidelidade ao que poderíamos vir a ser. Também a Islândia tem um Presidente mulher e é um dos mais secretos, serenos e civilizados lugares do mundo.

Finalmente, nenhum partido a tem. E qualquer deles gostaria de a ter. Isto não pode ser dito de nenhum outro candidato. Dado que é uma mulher de índole (que é também um carácter que escolhemos) e valores conciliatórios, não é esta a garantia de estabilidade e calmo arbítrio nos confrontos que estes anos magros vão trazer ?

Teremos que sofrer a crise como toda a gente, pior que toda a Europa, com a nossa longa história de atrasos e desenganos para os quais não parecemos ter outra resposta que não a irritação e o desprezo do país, que o mesmo é dizer de nós próprios. Ah provar ao mundo, que nos ignora, e a nós, que nos desconhecemos, que a mais alta esholha cívica se faz em Por-

lugal por inesperadas razões morais, de bom senso e de bom gosto.

É que com esta mulher tenazmente imaginativa e alegre, aberta ao diálogo e à crítica, sã, na chefia do Estado, estaremos já exemplarmente melhor.

Cariz do Estado

Fundação Cuidar o Futuro



King's College London

Strand, London WC2R 2LS

Telephone 01-836 5454

19 JAN. 1988

Department of Portuguese
and Brazilian Studies

Londres . 7 . 1 . 88

Moselzulo,

Aqui vi.

Não esqueça mandar

cópia para a Fundação Cuidar o Futuro

já, s.f.f.

- casa recepção,

beijiuko(s)

f.

